



*Arouca, desiludido, agora só pensa em descansar*

## As ilusões perdidas

“Só antes o empresário tinha como sonho ver a empresa crescer, hoje, com a crise, a ilusão é vender ou fechar a firma”. A frase é de Roberto Carricondo, 30 anos, um dos sócios da Metalúrgica Nova Roclan, de Itaquera, uma das centenas de pequenas empresas brasileiras que estão sendo colocadas à venda por seus desiludidos proprietários.

A metalúrgica foi fundada pelo pai de Carricondo há 14 anos e nos bons tempos chegou a responder pelo emprego de 20 pessoas. Hoje apenas oito se movimentam por entre os equipamentos quase todos paralisados. Parece uma fábrica fantasma.

Prático, Carricondo sabe ser difícil encontrar alguém que queira comprar a firma, ainda que o preço inicial de venda — Cr\$ 250 milhões — já tenha declinado para Cr\$ 150 milhões. Ele sabe que quem tem dinheiro não faz mais investimento em produção, mas no mercado financeiro, algo que ele próprio pretende fazer se conseguir vender a metalúrgica. Carricondo pensa em especular no mercado paralelo de dólares ou no de descontos de duplicatas para terceiros, “como se fôssemos um banco particular”.

Outra pequena empresa à venda é a Micron Indústria Mecânica, de São Bernardo do Campo, fundada há 22

anos por quatro ex-trabalhadores da Firestone que a dirigem até hoje. William Arouca, 62 anos, um dos sócios, afirma que se alguém comprar a empresa “será um alívio”. Arouca calcula o patrimônio da Micron em Cr\$ 200 milhões, mais aceita vender tudo “até por Cr\$ 140 milhões ou menos”.

A Micron já teve 55 empregados mas hoje opera só com vinte, que se revezam nas máquinas apenas para impedir que se estragem, por falta de uso. Olhando as máquinas paradas (60% delas), Arouca reclama que o futuro é incerto e que é difícil trabalhar “sem saber se amanhã teremos o que fazer”.

O sonho de Arouca — que já pensou em crescer junto com seu País — é vender a empresa e aplicar o dinheiro no mercado financeiro. Cansado de tudo, desiludido, ele quer também comprar uma pequena chácara no Interior do Estado. E, serenamente, descansar.

Desalentados, sem esperanças, tanto Carricondo quanto Arouca não negam que a decisão de vender suas empresas é uma alternativa amarga e extrema, muito diferente do que previam os sonhos iniciais: eles não imaginam especular, como parasitas, no mercado financeiro, mas sim produzir, gerar empregos e ter lucros com o trabalho.

Luis Carlos Medeiros